

### **CONSELHO EDITORIAL**

**Otávio Velho** – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

**Dina Picotti** – Universidade Nacional de General Sarmiento, Argentina

**Henri Acserald** – IPPUR –UFRJ, Brasil

**Charles Hale** – University of Texas at Austin, Estados Unidos

**João Pacheco de Oliveira** – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

**Rosa Elizabeth Acevedo Marin** – NAEA/UFPA, Brasil

**José Sérgio Leite Lopes** – PPGA-MNU/UFRJ, Brasil

**Aurélio Vianna** – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Brasil

**Sérgio Costa** – LAI FU, Berlim, Alemanha

**Alfredo Wagner Berno de Almeida** – UEMA/UEA, Brasil

### **CONSELHO CIENTÍFICO**

**Ana Pizarro** – Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de Estudios Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

**Claudia Patricia Puerta Silva** – Professora Associada – Departamento de Antropologia – Facultad de Ciências Sociales y Humanas – Universidad de Antioquia

**Zulay Poggi** – Professora do Centro de Estudios de Desarrollo – CENDES– Universidad Central de Venezuela

**Maria Backhouse** – Professora de Sociologia – Institut für Soziologie – FriedrichSchiller-Universitätjena

**Jesús Alfonso Flórez López** – Universidad Autónoma de Occidente de Cali - Colombia

**Roberto Malighetti** – Professor de Antropologia Cultural – Departamento de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” – Università degli Studi de Milano-Bicocca

Alfredo Wagner  
Eriki Aleixo  
Ítala R. Nepomuceno  
Vinícius Benvegnú  
**Organizadores**

**MINERAÇÃO E GARIMPO EM TERRAS  
TRADICIONALMENTE OCUPADAS:  
CONFLITOS SOCIAIS E MOBILIZAÇÕES ÉTNICAS**

Manaus - Amazonas  
2019

Copyright© Autores

**Equipe de organização e edição:**

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Eriki Aleixo de Melo

Ítala T. Rodrigues Nepomuceno

Vinícius Cosmos Benvegnú

**Capa**

Equipe Editorial

Diagramação: Philipe Teixeira

ISBN Impresso - 978-85-7883-529-3

ISBN Ebook - 978-85-7883-531-6

Ficha Catalográfica

M664      Mineração e Garimpo em Terras tradicionalmente  
ocupadas: conflitos sociais e mobilizações étnicas/  
Organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida et al.  
– 1. Ed. - Manaus: UEA Edições/ PNCSA, 2019.

826 p.: il.

ISBN 978-85-7883-529-3

1. Mineração. 2. Garimpo. 3. Conflitos sociais e.  
I. Título.

CDU 316+910.3

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)



Indígenas Yanomami protestando contra a Invasão Garimpeira em suas terras durante a V Marcha dos Povos Indígenas do Amazonas realizada em 03/12/2019. Foto Eriki Aleixo.



# MINERAÇÃO E GARIMPO EM TERRAS TRADICIONALMENTE OCUPADAS: CONFLITOS SOCIAIS E MOBILIZAÇÕES ÉTNICAS

*Rosa Elizabeth Acevedo Marin*

*Marcia Anita Sprandel*

*Patrícia Maria Portela Nunes*

*Cynthia Carvalho Martins*

*Helciane de Fátima Abreu Araújo*

*Paulo Rogerio Gonçalves*

*Carmen Lúcia Silva Lima*

*Sheilla Borges Dourado*

*Claudina Azevedo Maximiano*

*Jurandir Santos de Novaes*

*Raquel Mombelli*

*Juracy Marques*

*Tatayya Kokama*

*Vânia Fialho*

*Luís Augusto Pereira Lima*

*Selma Solange Monteiro Santos*

*Elielson Pereira da Silva*

*Juliane Pereira dos Santos*

*Rita de Cássia Pereira da Costa*

*Raquel Oliveira Santos Teixeira*

*Ana Flávia Moreira Santos*

*Rômulo Soares Barbosa*

*Andréa M. N. Rocha de Paula*

*Felisa C. Anaya*

*Alexandre Gonçalves*

*Sérgio Leandro Sousa Neves*

*Reginaldo Conceição da Silva*

*Renildo Viana Azevedo*

*Jordeanes do N. Araújo*

*Nicolás Victorino*

*Murana Arenillas Oliveira*

*Felipe Pereira Jucá*

*Poliana Nascimento*

*Julianna Malerba*

*Gustavo Hees de Negreiros*

*Adinei Almeida Crisóstomo*

*Whodson Silva*

*Angelisson Tenbarin*

*Raimundo Nonato F. do Nascimento*

*Aline Radaelli*

*Tatiana Emila Dias Gomes*

*Valéria Morera Coelho de Melo*

*Fabiano Campelo Bebelany*

*Maryellen Milena Lima*

*Ilklyn Barbosa da Silva*

*Lívia Ferraz da Costa Duarte*

*Luciana Costa Leite*

*Clarissa Godinho Prates*

*Lilian Maria Santos*

*Matheus Vinícius Ferreira*

*Luciana Tonelli*

*Suellen Andrade Barroso*

*Chris Lopes da Silva*

*Ricardo Gilson da Costa Silva*

*Agnaldo Teixeira de Carvalho Neto*

*Barbara de Sousa Cascaes*

*Jéssica Maria Barros da Silva*

*Evandro Moura Dias*

*Patrícia Moraes Lima*

*Fátima Oliveira*

*Guilherme Dal Sasso*

*Camila Dellagnese Prates*

*Ítala T. Rodrigues Nepomuceno (org.)*

*Vinícius Cosmos Benvegnú (org.)*

*Eriki Aleixo de Melo (org.)*

*Alfredo Wagner Berno de Almeida (org.)*



# SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>31</b>
<b>As estratégias de exportação agromineral e a usurpação das terras tradicionalmente ocupadas: à guisa de Introdução</b>	
<i>Alfredo Wagner Berno de Almeida.....</i>	<b>47</b>
<b>PARTE 1</b>	<b>71</b>
<b>Pará</b>	<b>73</b>
<b>Quilombolas do Território de Jambuaçu (PA) em situação de conflitualidade com a Hydro/Mineração Paragominas S/A e a Ideologia da Harmonia</b>	
<i>Rosa Elizabeth Acevedo Marin.....</i>	<b>75</b>
<b>Territórios Munduruku e tensões com garimpos e mineração no Alto e Médio Tapajós</b>	
<i>Ítala T. Rodrigues Nepomuceno.....</i>	<b>93</b>
<b>Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais no Rio Tocantins confrontados com política energética (UHE-Tucuruí) e mineração</b>	
<i>Jurandir Santos de Novaes</i>	
<i>Rosa Elizabeth Acevedo Marin.....</i>	<b>107</b>
<b>Kayapó Mekrãnogti (TI Baú) e Assentados (PDS) Terra Nossa da região do Tapajós (PA): conflito e licenciamento ambiental da mineração transnacional de ouro</b>	
<i>Selma Solange Monteiro Santos.....</i>	<b>123</b>
<b>Terras e territórios tradicionais da Volta Grande do Xingu na mira de megaempreendimentos minerais</b>	
<i>Elielson Pereira da Silva.....</i>	<b>135</b>
<b>Quilombos no Trombetas e a Mineração Rio do Norte (MRN): dos dilemas às novas estratégias políticas face à expansão da atividade mineradora em territórios quilombolas</b>	
<i>Juliane Pereira dos Santos.....</i>	<b>151</b>



**Agricultores Acampados de Canaã dos Carajás e os impactos da mineração no Sudeste Paraense**

*Rita de Cássia Pereira da Costa*

*Valéria Moreira Coelho de Melo*

*Fabiano Campelo Bechelany*..... 169

**DOCUMENTOS PRODUZIDOS PELAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS SOBRE AMAZÔNIA**..... 183

**“Nota pública de repúdio contra o propósito do Governo Bolsonaro de regulamentar o garimpo e mineração em terras indígenas”.**

*Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), 03 de outubro de 2019*..... 185

**“Carta Abierta de los pueblos indígenas: declaratoria de emergencia ambiental y humanitaria ante la evidente incapacidad y falta de voluntad de los Estados de Bolivia y Brasil para proteger a los pueblos indígenas y a la biodiversidad ante los incendios forestales en la Chiquitania boliviana en Santa Cruz de la Sierra y los estados de Acre, Rondonia, Mato Grosso y Mato Grosso del Sur en Brasil”**

*Coordinadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica (COICA), 22 de agosto de 2019*..... 187

**“Carta abierta de los Pueblos Indígenas: declaratoria de emergencia ambiental y humanitaria ante la falta de voluntad de los gobiernos de Brasil y Bolivia para proteger a los Pueblos Indígenas y la biodiversidad en respuesta de los incendios florestales”.**

*Coordinadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica (COICA), 23 de agosto de 2019*..... 192

**“Nota de repúdio contra o processo de destruição da Amazônia pelo Governo Bolsonaro”**

*Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COLAB), 22 de agosto de 2019*..... 196

**“COIAB repudia PL que permite a exploração mineral, energético e do agronegócio nas terras indígenas”**

*Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COLAB), 06 de fevereiro de 2020*..... 198

<b>Minas Gerais</b>	<b>201</b>
<b>O desastre e seu curso: descronologia da violência</b>	
<i>Raquel Oliveira Santos Teixeira</i>	
<i>Maryellen Milena Lima</i>	
<i>Ilklyn Barbosa da Silva</i> .....	<b>203</b>
<b>Terras tradicionalmente ocupadas e Projeto Minas-Rio: expropriação, desresponsabilização e comunidades ‘fora de lugar’ no Espinhaço Meridional, Minas Gerais.</b>	
<i>Ana Flávia Moreira Santos</i>	
<i>Lívia Ferraz da Costa Duarte</i>	
<i>Luciana Costa Leite</i>	
<i>Clarissa Godinho Prates</i> .....	<b>217</b>
<b>De ouro e ferro: consequências socioambientais em curso e potenciais da mineração no norte de Minas Gerais</b>	
<i>Rômulo Soares Barbosa</i>	
<i>Andréa M. N. Rocha de Paula</i>	
<i>Felisa C. Anaya</i>	
<i>Patrícia Moraes Lima</i>	
<i>Adinei Almeida Crisóstomo</i> .....	<b>233</b>
<b>Apontamentos acerca das atividades de extração mineral na região de Diamantina (MG)</b>	
<i>Sérgio Leandro Sousa Neves</i>	
<i>Lilian Maria Santos</i>	
<i>Matheus Vinícius Ferreira</i> .....	<b>247</b>
<b>A Ideologia da Mineração está em xeque. Andrea Zhouri concede entrevista à Luciana Tonelli do site <i>Outras Palavras</i></b>	
<i>Luciana Tonelli</i> .....	<b>257</b>
<b>Amapá</b>	<b>269</b>
<b>Terras Indígenas no estado do Amapá e mineração</b>	
<i>Vinícius Cosmos Benvegnú</i> .....	<b>271</b>

**DOCUMENTOS DE ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS SOBRE O  
INTRUSAMENTO DE GARIMPO NA TERRA INDÍGENA WAJĀPI 281**

<b>“Nota do APINA sobre a invasão da Terra Indígena Wajãpi”</b> <i>APINA, 28 de julho de 2019.....</i>	<b>283</b>
<b>“2ª Nota do APINA sobre a invasão da Terra Indígena Wajãpi”</b> <i>APINA, 29 de julho de 2019.....</i>	<b>285</b>
<b>“Terceira nota do APINA sobre invasão da Terra Indígena Wajãpi”</b> <i>APINA, 31 de julho de 2019.....</i>	<b>287</b>
<b>“Quarta nota do APINA sobre invasão da Terra Indígena Wajãpi”</b> <i>APINA, 1º de agosto de 2019.....</i>	<b>289</b>
<b>“Quinta nota do APINA sobre invasão da Terra Indígena Wajãpi”</b> <i>APINA, 04 de agosto de 2019.....</i>	<b>292</b>
<b>“Sexta nota do APINA sobre invasão da Terra Indígena Wajãpi”</b> <i>APINA, 18 de agosto de 2019.....</i>	<b>294</b>
<b>“Nota de apoio ao povo WAJĀPI”</b> <i>Conselho Indígena de Roraima, 27 de julho de 2019.....</i>	<b>296</b>
<b>“Nota pública de lideranças de Aty Guasu, retomada de Aty Jovem, Kuñangue do povo Guarani e Kaiowa diante do genocídio, massacre e invasão da Terra Indígena Waiãpi-Amapá”</b> <i>Tekoba Guasu Guarani e Kaiowá, 28 de julho de 2019.....</i>	<b>297</b>
<b>“Nota: Hutukara Associação Yanomami”</b> <i>Hutukara, 29 de julho de 2019.....</i>	<b>299</b>
<b>“Nota da Coiab contra os ataques ao Povo Waiãpi”</b> <i>COLAB, 28 de julho de 2019.....</i>	<b>300</b>
<b>Amazonas</b>	<b>303</b>
<b>Povos indígenas e conflitos socioambientais decorrentes da mineração no Alto e Médio Solimões na Amazônia brasileira</b> <i>Reginaldo Conceição da Silva.....</i>	<b>305</b>

<b>A destruição da vida pelas dragas</b>	
<i>Tatayja Kokama / Altaci C. Rubin</i> .....	<b>321</b>
<b>Mobilização étnica dos Kambeba frente aos garimpos ilegais do rio Jandiatuba</b>	
<i>Aline Radaelli</i> .....	<b>321</b>
<b>Mineração de potássio em Autazes (AM) ameaça os territórios do povo Mura</b>	
<i>Renildo Viana Azevedo</i> .....	<b>327</b>
<b>Notas de campo: garimpos, desmatamentos e madeireiros ilegais em Terras Indígenas no Sul do Amazonas</b>	
<i>Jordeanes do N. Araújo</i>	
<i>Suellen Andrade Barroso</i>	
<i>Angelisson Tenbarin</i> .....	<b>345</b>
<b>O estaleiro de balsas e dragas e o garimpo no Rio Madeira</b>	
<i>Luís Augusto Pereira Lima</i> .....	<b>359</b>
<b>Estado e pilhagem no Alto Rio Negro</b>	
<i>Felipe Pereira Jucá</i> .....	<b>371</b>
<b>Depoimento: A pressão do garimpo sobre povos indígenas em Terras Tradicionalmente Ocupadas no Baixo Rio Negro (AM)</b>	
<i>Murana Arenillas Oliveira</i> .....	<b>381</b>
<b>Depoimento de lideranças indígenas de Lábrea, Tapauá e Boca do Acre e Liderança Extrativista de Pauini – Região do Purus</b>	
<i>Claudina Azevedo Maximiano</i>	
<i>Chris Lopes da Silva</i> .....	<b>389</b>
 <b>Colômbia</b>	 <b>413</b>
<b>Síntesis de situación de minería en territorios indígenas de la Amazonia colombiana</b>	
<i>Nicolás Victorino</i> .....	<b>415</b>

<b>Rondônia/Roraima</b>	<b>425</b>
<b>A espiral da desgraça: notas para um debate sobre mineração em áreas indígenas, direitos humanos e território dos povos amazônicos</b>	
<i>Ricardo Gilson da Costa Silva</i>	
<i>Luís Augusto Pereira Lima</i> .....	<b>427</b>
<b>Garimpo em Terra Indígena Yanomami</b>	
<i>Eriki Aleixo de Melo</i> .....	<b>439</b>
<b>A nova corrida pelo ouro em Roraima</b>	
<i>Agnaldo Teixeira de Carvalho Neto</i> .....	<b>447</b>
<b>Depoimento de Dário Vitório Kopenawa Yanomami</b>	
<i>Eriki Aleixo de Melo</i> .....	<b>453</b>
<b>Maranhão/Tocantins</b>	<b>467</b>
<b>Práticas minerárias em colisão com modos de ser e viver dos povos e comunidades tradicionais</b>	
<i>Patrícia Maria Portela Nunes</i>	
<i>Cynthia Carvalho Martins</i> .....	<b>471</b>
<b>O vale das tragédias denunciadas e o (des) envolvimento ao longo da EFC: o custo da vida em comunidades de Alto Alegre do Pindaré e de Açailândia (MA)</b>	
<i>Helciane de Fátima Abreu Araújo</i> .....	<b>491</b>
<b>Da “briga” pelo babaçu à luta pelo território: o avanço de empreendimentos minerários na comunidade quilombola Miranda do Rosário (MA)</b>	
<i>Barbara de Sousa Cascaes</i> .....	<b>499</b>
<b>Riscos e efeitos socioambientais associados à extração de gás pelo Complexo Parnaíba na comunidade Bom Jesus dos Pretos, Lima Campos (MA)</b>	
<i>Jéssica Maria Barros da Silva</i> .....	<b>513</b>

**Exploração de fosfato na cidade de Arraias (TO) e seus impactos socioambientais**

*Paulo Rogerio Gonçalves*

*Evandro Moura Dias*..... 525

**Piauí/Bahia/Pernambuco** 533

**Mineração e conflitos socioambientais no estado Piauí**

*Carmen Lúcia Silva Lima*

*Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento*..... 535

**As feridas das montanhas: destruição da Chapada Diamantina (BA) pela atividade mineradora**

*Juracy Marques*

*Gustavo Hees de Negreiros*..... 551

**As veias abertas de Boquira (BA): comunidades rurais e empreendimentos minerários: o que a população tem a dizer?**

*Fátima Oliveira*

*Juracy Marques*..... 561

**“Lá é a nossa vida”: dinâmicas de vida e morte nos Gerais de Caetité (BA) impactados pela extração mineral**

*Tatiana Emilia Dias Gomes*..... 581

**Povos e Comunidades Tradicionais e Mineração no Sertão de Itaparica (PE)**

*Poliana Nascimento*

*Vânia Fialbo*

*Whodson Silva*..... 591

**Santa Catarina/Rio Grande do Sul** 601

**Comunidades Tradicionais em Santa Catarina e Mineração**

*Raquel Mombelli*..... 603

<b>Conflito ambiental no Delta do Jacuí: os Mbyá Guarani contra a Mina Guaíba</b>	
<i>Guilherme Dal Sasso</i>	
<i>Camila Dellagnese Prates</i> .....	<b>617</b>
<b>DOCUMENTOS SOBRE O COMBATE À MEGAMINERAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL</b>	<b>627</b>
<b>“Manifesto do comitê de combate à megamineração no Rio Grande Do Sul”</b>	
<i>Comitê de Combate à Megamineração (CCM), 29 de maio de 2019</i> .....	<b>629</b>
<b>“Nota sobre os ataques às Aldeias Guarani”</b>	
<i>Comitê de Combate à Megamineração (CCM), 23 de setembro de 2019</i> .....	<b>632</b>
<b>PARTE 2</b>	<b>635</b>
<b>O debate recente sobre mineração [em Terras Indígenas] no Congresso Nacional</b>	
<i>Marcia Anita Sprandel</i> .....	<b>639</b>
<b>O Congresso Nacional e as Terras Indígenas (agosto de 2019)</b>	
<i>Marcia Anita Sprandel</i> .....	<b>669</b>
<b>Fases dos processos minerários no Brasil (2019) correspondentes à Amazônia</b>	
<i>Luís Augusto Pereira Lima</i> .....	<b>787</b>
<b>Mineração em terras tradicionalmente ocupadas: velhos e novos desafios ao direito à terra e ao território</b>	
<i>Julianna Malerba</i> .....	<b>793</b>
<b>Mapas</b> .....	<b>811</b>
<b>Relação dos Grupos de Pesquisa</b> .....	<b>821</b>

# QUILOMBOS NO TROMBETAS E A MINERAÇÃO RIO DO NORTE (MRN): DOS DILEMAS ÀS NOVAS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS FACE À EXPANSÃO DA ATIVIDADE MINERADORA EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

Juliene Pereira dos Santos <sup>75</sup>

O presente estudo consiste numa breve análise sobre as relações entre empresas mineradoras e comunidades remanescentes de quilombos situadas no rio Trombetas, município de Oriximiná, Estado do Pará. Trata-se de refletir a respeito das lógicas e políticas usadas em seus meandros para propiciar intensificação da exploração mineral em territórios quilombolas, visando repensar as novas estratégias políticas que envolvem o plano de expansão da mineração.

Este trabalho surge a partir das observações empíricas, realizadas ao longo da pesquisa de mestrado que venho desenvolvendo desde novembro de 2017, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA/UEMA). Para este estudo foram realizadas pesquisas bibliográficas e arquivísticas sobre os quilombos no Trombetas e a relação de antagonismo com empresas mineradoras e agências ambientais que se instalaram em seus territórios de modo autoritário e violento; associa-se à bibliografia observações de campo realizadas entre dezembro de 2018 e fevereiro de 2019.

A Mineração Rio do Norte (MRN) consiste em um grupo empresarial composto pelas principais empresas do setor mineral: Vale, Alcoa, Hidro e Rio Tinto. Destas, a Vale assume o maior percentual de ações, cerca de quarenta por cento. A MRN iniciou suas atividades no Trombetas na década de 1960, quando as jazidas de bauxita, matéria-

75. Quilombola de Cachoeira Porteira, Oriximiná/PA, possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA/UEMA), bolsistas Capes.



prima do alumínio, foram localizadas em grandes proporções na foz do Trombetas.

Sob a combinação ilusória, ancoradas em preceitos envolvendo “progresso”, “crescimento” e “conservação da natureza”, foi que essas empresas mineradoras se estabeleceram no Trombetas. Aliás, é oportuno destacar que ainda no início dos trabalhos do Projeto Trombetas, o governo brasileiro criou por meio do Decreto nº 98.704 de 27 de dezembro de 1989, a Floresta Nacional Saracá-Taquera, assegurando em seu Art, 2º que as lavras minerais autorizadas já em curso naquele momento não sofreriam soluções de continuidade. Não obstante, 1979, ano em que o grupo MRN inaugurou o primeiro embarque da bauxita com destino ao Canadá, foi mesmo ano em que a União criou a Reserva Biológica do Rio Trombetas (RBRT), com propósito teórico de “proteger amostras de ecossistemas amazônicos; assegurar a sobrevivência da tartarugada-amazônia (*Podocnemis expansa*) e demais quelônios; assegurar a permanência dos processos naturais de sazonalidades; e, proteger áreas encachoeiradas, que abrigam fauna e flora particulares” (Plano de Manejo, 2004,p.13). Para além da RBRT, a partir dos anos 2000 foram instituídas outras unidades de conservação no Trombetas: a Floresta Estadual do Rio Trombetas-FLOTA Trombetas (2006) e pela Floresta Estadual Faro-FLOTA Faro (2006). Destas, a REBIO se configura como a modalidade mais restritiva, proibindo inclusive a existência de grupos humanos em seu interior, mesmo que estes estejam ocupando o território antes do período de criação do projeto da UC, como é caso dos quilombos que foram usurpados por essa política de preservação ambiental no Trombetas: Erepecú, Juquiri, Jamari, Juquirizinho e Cachoeira Porteira.

Segundo O’Dwyer (2000), o processo de instituição dessas unidades de conservação, subtraiu a principal parcela territorial das comunidades remanescentes de quilombo. Ou seja, a área usurpada pela política ambiental representa os territórios de pesca, caça e extrativismo, como é o caso do lago Erepecú, considerado como aquele com maior incidência de castanheiras, o que levava todos os anos dezenas de famílias

a construírem barracos para servirem de moradias durante a chamada “safra da castanha”, compreendida entre os meses de janeiro a maio.

O estabelecimento da exploração mineral atrelada às políticas ambientais restritivas, representou e continua representando forte ameaça para os quilombolas que tradicionalmente ocupam esses territórios, sobretudo, no que concerne a reprodução física e social, em razão da insegurança de permanência nesse território etnicamente configurado. Dadas as relações de confrontos com seus antagonistas históricos e/ou do agenciamento interno, essa forma de apropriação do quilombo expressa os dramas sociais, resultantes de conflitos oriundos da oposição de interesses e atitudes entre grupos ou indivíduos, cujas situações estão identificadas e analisadas segundo a metáfora conceitual denominada drama social, formulada por Victor Turner (1996).

Diante dessa disputa territorial, a MRN usa projetos no sentido de demonstrar uma relação de equilíbrio com a natureza e os povos que ali vivem, através do arcabouço da sustentabilidade, cujo mecanismo torna discreta a luta política entre empresa e os quilombos usurpados pela exploração mineral; por outro lado, empiricamente, as ações da mineradora são devastadoras na medida em que é impossível explorar o minério sem desmatar, provocando assim, a poluição das águas, não só do rio Trombetas, como dos igarapés que foram cercados por essa prática exploratória.

Assim, são duas as hipóteses para as quais este trabalho se volta:

1. Os programas sociais desenvolvidos pela mineradora emergem como forma de mascarar a relação de dominação e resistência provocada pela hierarquia de poder que se estrutura com a exploração mineral em territórios quilombolas, objetivando mediatizar a ideia de equilíbrio;
2. A tutela criada por esses programas, contribui para a perda do ideal de autonomia desses quilombos conquistado por via do movimento organizativo, com vista a garantir seus direitos étnicos e territoriais.

## O Trombetas enquanto território etnicamente configurado

Os quilombos no rio Trombetas foram conquistados através dos movimentos de fugas de ex-escravos das fazendas situadas na região do Baixo Amazonas em direção às cachoeiras e acidentes geográficos de difícil acesso, como é o caso dos trechos encachoeirados, lagos, cabeceiras, enseadas e igarapés característicos desse rio. “O recurso à fuga e a procura de uma existência livre como estratégias dos escravos, encontraram no rio Trombetas, condições favoráveis à realização dessa existência, o que explica a originalidade do mundo social construído” (ACEVEDO; CASTRO, 1988, p.41).

Contudo, foram muitos os desafios enfrentados nesse processo de conquista territorial, tais como: febres ferrenhas, animais peçonhentos e ainda as viagens punitivas organizadas pelo Estado no sentido de recapturar esses negros para as fazendas onde atuavam na condição de escravos. “Em 1855 mandaram -se tropas contra eles, mas os quilombolas tendo recebido aviso da aproximação destas, a força encontro o quilombo deserto, e teve de contentar-se com destruir os mocambos e as plantações” (DERBY, 1898, p.369).

Conforme Funes (2000, p.10), em razão do pouco sucesso obtido, as ações repressivas no Trombetas foram sustadas após a década de 1860. Sessadas o movimento dos quilombolas mudou de direção; o interesse passou a ser os lugares abaixo das cachoeiras. “As distintas trajetórias das unidades familiares colidem na localidade designada pelos quilombolas como Porteira, para marcar um mundo dividido em duas partes. O mundo livre e o mundo do cativo” (FARIAS JUNIOR, 2016).

A metáfora do *mundo liberto* configura-se como um eufemismo se pensarmos as lutas enfrentadas por esses quilombolas após sua decida das cachoeiras. A literatura sobre os quilombos no Trombetas, incluindo os trabalhos de Acevedo e Castro (1998), Funes (2000), O’Dwyer (2002), Farias Junior (2016) sob o olhar das Ciências Sociais, especificamente da história e da antropologia, evidenciam que a trajetória dos quilombos

no rio Trombetas, é marcada por processos sociais de resistência face às situações de antagonismos que emergem no tempo e no espaço a partir de interesses específicos. Tais situações remetem aos quatro últimos séculos, persistindo até o presente.

Desse modo, três situações sociais são referenciais para entendermos os embates enfrentados por esses quilombolas na luta para permanecer nesse espaço socialmente construído, numa relação pautada no uso dos recursos e ajuda mútua, impulsionados por regras próprias, passadas de geração para geração por meio de suas práticas sociais referidas à pesca, à caça, à coleta da castanha, extração de óleos como os de andiroba e copaíba, o fazer roças e, suas manifestações culturais, sobretudo, as festas de santos. A primeira situação refere-se à entrada de religiosos com objetivo de catequizar os povos que vivem nesse rio; a segunda situação diz respeito à entrada dos denominados “patrões” da castanha, ou seja, a apropriação das áreas de castanhais por parte de famílias elitizadas, oriundas de municípios do Baixo Amazonas, denominados de *patrões da castanha*; por fim, a implantação de projetos de exploração mineral e unidades de conservação, processos de usurpação territorial que no presente, configuram-se como principais entraves à titulação desses territórios

No presente, as unidades sociais no Trombetas, assumem politicamente a identidade étnica de “remanescentes de quilombos”. Esse pertencimento tem suas raízes nas narrativas desencadeadas pelo grupo por meio da memória coletiva, que diante das situações de ameaça, acionam histórias relativas ao seu passado, abrindo caminhos para a reflexão da sua condição.

Para uma compreensão do reconhecimento, deve-se relativizar a interpretação hegeliana da *consciência de si*. Para Hegel (1807/1992), a autoconsciência consiste em um processo dialético; ou seja, é através da relação com o Outro que o desejo de conhecer a si mesmo surge. “De fato, porém, a consciência-de-si é a reflexão, a partir do ser do mundo

sensível e percebido; é essencialmente o retorno a partir do ser-Outro” (HEGEL, 1807/1992, p. 120). Nancy Fraser vai proceder à crítica desta formulação, chamando atenção para um novo significado que politiza as identidades (FRASER. 2012).

Essa “consciência de si”, inventada diante das ameaças ao seu modo de vida, serve de eixo para as suas reivindicações atuais face as situações conflituosas com empresas mineradoras e unidades de conservação. Por meio de uma relação etnográfica, os estudos realizados por O’Dwyer (2002) sobre os quilombos do Trombetas e do Erepecú-Cuminá, identificam que “remanescentes de quilombo” nesses territórios trata-se de uma identidade situacional, ou seja, é um mecanismo de luta e defesa acionada pelos quilombos diante dos conflitos sociais com as políticas antagônicas que foram implantadas de modo autoritário, sem considerar a presença desses grupos.

Ao subirmos o rio Trombetas, deparamo-nos com uma identidade situacional de “remanescente de quilombo” que emerge como resposta atual diante de uma situação de conflito e confronto com grupos econômicos e agências governamentais como o Ibama, que passam a implementar novas formas de controle administrativo e político sobre o território que ocupam e com os quais estão em franca oposição (O’DWYER, 2002, p.268).

Durante meu trabalho de campo no quilombo de Jamari em dezembro de 2018, em um fim de tarde, tive a honra reunir de três irmãos mais velhos da família Macaxeira, juntos me deram depoimentos sobre histórias que remetem à suas origens a partir daquilo que ouviram de seu pai, o fundador daquele quilombo, evidenciando os usos da memória coletiva como fator de acionamento da identidade conforme se autoidentificam e são, ao mesmo tempo, identificados por outros. Trata-se de narrativas que remetem para o percurso de conquista desse espaço, ancorados no seu passado de ex-escravos em situação de fuga.

O que eu me lembro era o que meu pai contava, que a minha avó falava, porque eu mesma não cheguei a conhecer minha vó. Ele dizia pra gente que no começo desses Macaxeiras eles moravam no Curuá de Alenquer, de lá que era a mãe do velho Joaquim, a velha Margarida, mãe do meu pai. Ela nasceu lá no Curuá, eles fugiram de lá e vieram parar no Moura. Meu pai contava um monte dessas histórias, mas naquele tempo ninguém tinha interesse (pausa, silêncio), hoje muita gente quer saber. A mãe da mãe do Velho Joaquim, a velha Tumásia foi morar lá no Nova Amizade, lá abaixo da Cacheira, chamado Arrozal, lá eles moravam, lá era o lugar do pai dela. Foi lá que meu pai nasceu. (Antônia Pereira, entrevista em 28/12/2018).

Papai que viveu mais tempo contava todas essas histórias. Ele dizia que os pais dele vieram corridos da escravidão, que naquele tempo eles sofreram muito, botavam candeia nas mãos deles, marcavam eles com ferro quente como se marca gado. Se eu não me engano, Antônia, o papai nasceu lá no Macaxeira, quando eles vieram para o Arrozal ele já era rapazinho. Só sei que ele conheceu a mamãe no Sicuriju. De lá que eles vieram fazer casa aqui no Igarapé do Jamari. Lá nasceu todos nós. Depois que a Jari chegou lá foi que nós atravessamos para aquele lado onde é a comunidade hoje (Alcendino Pereira, entrevista em 28/12/2018).

São narrativas transmitidas de geração para geração por meio da oralidade, o que gera desencontros e retraimento. Elas representam, portanto, aquilo que a memória consegue recordar, gerando fragmentação das informações. Pensando nas análises de Le Goff (1990) sobre memória coletiva, poderíamos afirmar que não é uma narrativa “palavra por palavra”. Tais narrativas não devem ser tomadas como simples recordações pretéritas, elas marcam, ainda, distintos *processos de territorialização*<sup>76</sup>, que paulatinamente se organizam, delineando o território etnicamente configurado.

Quando eu me entendi nós morava lá no Sicuriju, lá meu pai tirava castanha, tinha o patrão dele, depois nós mudamos para o Jamari. O Jamari mesmo é lá, do outro lado do rio, naquele igarapé, o igarapé do Jamari. Depois de um tempo meu pai fez nossa casa aqui desse lado

---

76. É como um “processo de reorganização social” que Oliveira (1998) define a territorialização. Para ele, enquanto categoria analítica, a territorialização é entendida como uma construção social que envolvem fatores étnicos, políticos, sócio-ambientais e culturais. Dessa forma, conceitua os denominados processos de territorialização como um objeto político-administrativo.

do rio e continuaram a chamar de Jamari, mas Jamari mesmo é la do outro lado, mas a nossa família mesmo, desde que nascemos já era conhecida como Macaxeira, um apelido do meu pai (Miliana Pereira dos Santos, entrevista: 28.12.2018).

Segundo Almeida (2006), na prática esses saberes sobre o território que delimitam a distinção de uso representam as chamadas territorialidades específicas. Tal termo é utilizado para “nomear as delimitações físicas de determinadas unidades sociais que compõem de territórios etnicamente configurados” (ALMEIDA, 2006, p. 29). Para ele, representações territoriais delimitam terras de pertencimento coletivo, que converge para territórios étnicos.

A partir dessa forma de apropriação territorial, os quilombolas no Trombetas foram construindo seu modo de vida, através do domínio<sup>77</sup> sobre da natureza e ao aprimoramento de saberes. Assim, conclusivamente, a formação desses quilombos contribuiu para que na contemporaneidade eles se firmem enquanto unidades sociais que compartilham histórias, formas de existência, recursos de sistemas de uso comum, políticas identitárias e formas organizativas. Além de compor uma rede de parentela, tecida por laços de solidariedade, associativismo, compadrio, “amigamentos<sup>78</sup>”, vizinhança e relações comunitárias; configurando-se em estratégias políticas e de resistência face aos antagonismos históricos que os cercam. Esses laços de solidariedade demonstram as formas de interação social desses quilombolas entre si e com outros grupos, marcando dessa forma as fronteiras sociais, fator este que, segundo Barth (2000), os define enquanto grupos étnicos.

### **A *pillagem* dos territórios quilombolas pela MRN e unidades de conservação: observações sob a lente das Ciências Sociais.**

---

77. Acevedo; Castro ao elaborar a tese de exclusividade negra no Trombetas, partem do argumento do “domínio estabelecido por esse grupo durante mais de dois séculos (p. 41).

78. O termo amigado é usado pelos quilombolas no Trombetas para se referir as uniões entre casais que decidem morar juntos sem a realização de cerimônias oficiais. Do ponto de vista jurídico-formal, corresponde ao estado civil de união estável. Nesse caso, a diferença consiste no fato de que não há a necessidade de assinar declaração, cuja legitimação se dá pela aceitação dos pais do casal.

Desde o final dos anos 1990, as situações sociais referidas aos quilombos do Trombetas e a relação conflituosa com empresas mineradoras e unidades de conservação, tem chamado atenção de pesquisadores, sobretudo, antropólogos e historiadores, no sentido de compreender as lógicas estruturadas no interior dos territórios, bem como os efeitos sociais oriundos dessa reorganização territorial a partir da implantação dos projetos de mineração e de unidades de conservação. Dentre esses trabalhos merecem destaque aqueles desenvolvidos por Acevedo; Castro (1998), Funes (2000), O'Dwyer (2002) e Farias Junior (2016).

A presença de empresas mineradoras no Trombetas e em seus meandros, é marcada pela “luta política” de grupos historicamente antagônicos à lógica monetária de apropriação dos recursos naturais. Esta luta, como menciona Scoot (2013) possui uma “dimensão discreta”. Isso se deve a dois fatores: 1) O Projeto Trombetas se insere na estratégia geopolítica dos governos militares na década de 1970, que objetivam implantar empreendimentos desenvolvimentistas para explorar economicamente a Amazônia. Nesse sentido, a exploração da bauxita no rio Trombetas tem a seu favor o discurso de “crescimento econômico” e de “progresso”, ou seja, expressões que no senso comum, conotam ações positivas, portanto, inquestionáveis. Para Mattei e Nader (2013), esse modo de apropriação caracteriza a *pilhagem*<sup>79</sup>, que para os autores significa “propriedade roubada por meio da fraude ou da força” (p.17). Contudo é legitimada por tais conotações que são defendidas pelo Estado de Direito. 2). Os povos que tradicionalmente ocupam o rio Trombetas e afluentes, tanto quilombolas como indígena de distintas etnias como os Wai-Wai, Tunayana, e Caxuyana, entre outros; bem como seus modos de vida foram invisibilizados diante desses projetos de investimentos, o que os colocou na condição de entraves ao desenvolvimento local na medida em que começaram a organizar-se politicamente em defesa de seus direitos, sobretudo, o territorial.

---

79. O termo pilhagem é central no trabalho de Mattei e Nader (2013), sobre práticas euro-americanas de apropriação violenta por agentes políticos internacionais mais poderosos que vitimam os “fracos”.



Acevedo; Castro (1998), apontam as contradições sociais resultantes das intervenções desses projetos como “um violento processo de usurpação das terras de uso comum” (p.32). Segundo as autoras, esse conflito emerge do acirramento da competição pelos recursos naturais. Para as autoras isso significa o cruzamento de duas lógicas ambíguas e sobre o uso e apropriação da terra, a saber: por um lado a lógica agro-extrativa defendida pelos quilombolas; por outro a empresarial que representando o grande capital.

A partir da situação etnográfica sobre Cachoeira Porteira e conflitos encetados com a construção da Perimetral Norte<sup>80</sup> e o projeto das UHE ocorridos após a consolidação da MRN, Farias Junior (2016), sublinha que a atividade de mineração empreendida pela MRN, provocou efeitos sociais que vão de processos de “deslocamentos compulsórios a distintos processos de degradação ambiental. Entre os atos de degradação ambiental, o referido autor cita a poluição dos cursos de água do lago Batata. “O lago Batata, local tradicional de pesca, foi interditado pela MRN e poluído com rejeitos de bauxita” (ACEVEDO; CASTRO, 1998, p.2008).

Com a instituição das unidades de conservação, a MRN criou o discurso de “mineração sustentável”. Esse discurso, ideologicamente, provocou a inversão dos valores. Nessa lógica, os quilombolas passaram a ser vistos como agentes da degradação, portanto, vilões do meio ambiente; e a mineradora como aquela que protege a natureza. A partir das experiências etnográficas com os quilombos do Trombetas O’Dwyer (2002), argumenta que o modelo impositivo e autoritário de preservação ambiental se configurou socialmente como meta da MRN.

No Caderno Terra de Quilombo, publicado pela ABA, em 1995, observamos que o paradigma da preservação ambiental era defendido pela Mineração Rio do Norte como de interesse da coletividade, sendo incorporado como uma meta central em sua programação,

---

80. A Perimetral Norte consiste em um trecho da BR-163, que liga Cachoeira Porteira a BR-210, executado pela Andrade Gutierrez a partir de 1973.

envolvendo organismos governamentais na definição de objetivos e procedimentos comuns (O'DWYER, 2002, p.296)

Essa postura refletiu negativamente sobre as comunidades remanescentes de quilombo, que tiveram suas práticas consideradas como crimes ambientais, no tocante ao *panoptismo* que se estruturou ao longo desse rio, no sentido de vigiar para assim disciplinar a ações desses agentes sociais. A respeito do que se designa por *regras disciplinares* impostas pelo poder, cabe sublinhar que Foucault é enfático quando diz que “com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis [...] um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada” (1986, p. 184).

Nesta ordem, essa forma de gestão territorial pautada no autoritarismo foi marcada como um período turbulento, que se mantém vivo na memória dos mais velhos que presenciaram a implantação e os desdobramentos desses projetos autoritários, dos filhos e netos que cresceram ouvindo histórias de violência e terror.

Eles chegaram não foram perguntando. A gente só sabia das notícias aí pra baixo. Eles faziam vigília no rio, não estava bom, iam nas casas, abriam as painéis pra ver o que o povo comia, jogavam fora a comida com toda a panela e se reagisse ia preso, apanhava. Era preciso manter escondido na mata nossas malhadeiras, espingarda...tirava só para procurar o que comer e escondia de novo, que se eles parassem na casa e encontrasse, ia tudo preso com eles. Viam a gente descendo para a Companhia, endireitavam a lancha em cima da gente, só faltavam alagar a canoa (A.P. J, entrevista: 12.02.2019).

A dinâmica da vigilância no Trombetas conta com estruturas de flutuantes, ancorados em locais estratégicos que facilitam a visualização do vai-e-vem das embarcações. Visando intensificar a vigilância no entorno

do território, foram instaladas três bases de fiscalização, as chamadas “bases de apoio” administradas inicialmente pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e, posteriormente, sob a gerência do IBAMA e depois do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Estas “bases” assim se distinguem: a saber: a base Tabuleiro, situada no lago Jacaré, outra localizada na entrada do lago Erepecú e por fim, a base Santa Rosa, situada na localidade de mesmo nome existente no interior do lago Erepecú. Além desses postos físicos de fiscalização, o ICMBio dispõe ainda de lanchas, que funcionam como viaturas aquáticas, que constantemente vigiam qualquer tipo de movimentação no rio.

Segundo O’Dwyer, essa repressão sobre as práticas de pesca, caça, extrativismo da castanha e a conservação de roças, forçou as comunidades remanescentes de quilombos a “realizarem, às “escondidas”, como dizem, as atividades econômicas de sustento, principalmente a pesca, fonte essencial de alimentos, submetendo-se, contudo, aos rigores das sanções quando surpreendidos pela fiscalização dos agentes do Ibama” (O’DWYER, 2002, p. 270).

Um período, portanto, marcado por proibições, controle extremo e vigilância; contra-argumentado pela resistência dos grupos, que não aceitaram passivamente as regras impostas de modo autoritário. Tal atitude contribuiu para que os quilombolas recriassem formas de lutas, pautados em movimentos organizativos, que assim os mobilizaram politicamente em torno da identidade étnica de “remanescentes de quilombo”, ressignificando sua autonomia diante de dominação das agências ambientais e de empresas mineradoras.

### **Termos de compromissos e o chamado “fundo quilombola”: novas estratégias de expansão da mineração no Trombetas**

A implantação da atividade mineradora no Trombetas se deu segundo *modus operandi* da ditadura militar, o que implica a ausência de negociações

entre os interesses empresariais e os povos que tradicionalmente ocupam esses territórios. De acordo com Acevedo; Castro (1998) a concessão de terras para a mineração ocorreu por meio da posse resultante de acordos com “posseiros” e doações feitas pela União por meio do INCRA.

Em 1967 é criada a Mineração Rio do Norte que teve concessão de 65.552 há de terra para lavra do minério e três anos mais tarde adquiriu uma posse de 400 há. Entretanto, fez solicitação adicional, em 1977, de uma doação de 87.258 há ao INCRA. Antes de ter aprovado seu pedido levantou uma cerca de arame farpado de 4 km e instalou 145 marcos de cimento nessa área (ACEVEDO; CASTRO, 1998, p. 2005).

Desse modo, os povos ficaram às margens das negociações referentes à implantação desses projetos de investimento. Todavia, em razão de ameaças acirradas, após os anos 2000, esses povos passaram a engendrar lutas sociais em face por direitos, acompanhando inclusive as mobilizações políticas no âmbito nacional. São mobilizações embasadas em conquistas do movimento negro no Brasil e reconhecimentos previstos em acordos internacionais, como é o caso da Convenção nº 169 da Convenção Internacional do Trabalho de 1989, ratificada pelo Brasil em 2002, reconhecendo direitos fundamentais dos povos e indígenas e tribais, expressão esta traduzida no Brasil como “povos e comunidades tradicionais”. Entre esses direitos destaca-se a auto-identificação e o direito à consulta prévia, livre e informada. Anterior à ratificação da Convenção 169 da OIT, por meio da Constituição Federal de 1988, o direito territorial dos quilombolas é reconhecido.

Diante dessas conquistas sociais, as comunidades remanescentes de quilombo no Trombetas se mobilizaram em prol de seus direitos. Amparados constitucionalmente e organizados politicamente, os territórios atingidos de maneira direta pelas novas perspectivas expansionistas da mineração, amarram suas lutas no sentido de garantir a sua permanência territorial, através da titulação das suas terras, sobretudo, nos Territórios

Alto Trombetas I e II<sup>81</sup>, objetos da expansão. Tais comunidades foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares em 2013, em razão da chamada “sobreposição” por unidades de conservação. Os processos referentes à titulação de suas terras ficaram sem movimentação, motivando os quilombolas a entrar com uma Ação Civil Pública junto ao Ministério Público Federal em face da União, INCRA e ICMBio. Esta ação obrigou os entes federais a promoverem a titulação desses territórios no prazo de até maio de 2018.

Dada essa pressão jurídica, em fevereiro de 2017 foram publicados os Relatórios de Técnicos de Delimitação e Identificação (RTID), reconhecendo sua história de ocupação e respectivo direito territorial. Contudo, o problema da *intrusão*<sup>82</sup> dos territórios sobressaiu. Com a proposta de conciliar os conflitos, ICMBio e o Território Alto Trombetas I, firmaram um Contrato de Concessão Direito Real de Uso, ou seja, apenas um contrato pelo qual o governo transfere o uso de um terreno público para um particular que o utilize com uma finalidade. Não obstante, em 2018, MRN, Territórios Alto Trombetas I e II, INCRA, ICMBio e Fundação Cultural Palmares firmaram outro acordo, nele as comunidades permitem a continuidade de expansão da mineração, cuja contrapartida, consiste na implementação de projetos sociais junto a essas comunidades. Conforme a Nota Técnica nº 7/2018/COPAB/DPA/PR publicada pela Fundação Cultural Palmares em maio de 2018, a proposta de expansão da atividade mineradora atinge diretamente o Território Alto Trombetas.

A atuação da MRN está dividida em duas frentes novas: uma delas, a Zona Leste, possui 06 platôs (Monte Branco, Teófilo, Cipó, Aramã, Bela Cruz, Aviso e Greigh), que já se encontram em fase de requisição de licença de operação, renovação de licença de operação

---

81. O Território Alto Trombetas I é formado pelas comunidades Abuí, Paraná do Abuí, Santo Antônio do Abuzinho, Tapagem, Sagrado Coração de Jesus e Mãe Cué. Por outro lado, Território Alto Trombetas II é composto por 09 (nove) unidades sociais, assim identificadas: Curuçá, Jamari, Juquiri Grande, Juquirizinho, Moura, Nova Esperança, Palhal e Último Quilombo/Erepecu.

82. Ao analisar as situações sociais referidas aos quilombos no rio Trombetas, especificamente às situações referentes aos quilombolas de Cachoeira Porteira, município de Oriximiná, Pará, Farias Junior (2016), fez uso do termo intrusão para se referir à ocupação ilegal de territórios indígenas e/ou quilombolas por parte de megaprojetos e políticas ambientais autoritárias. Segundo esse autor, a preferência pelo termo é uma contraposição a ideia de territórios sobrepostos amplamente difundido por agências estatais e ambientais.

ou requisição de licença de instalação. Desses, o platô Monte Branco se encontra totalmente inserido no território de Alto Trombetas 2. Já a outra frente é composta pelas Zonas Central e Oeste (ZCO), que juntas possuem 05 platôs (Cruz Alta, Peixinho, Escalante, Rebolado e Cruz Alta Leste), ainda em fase inicial de licenciamento, em que se verifica sua viabilidade locacional e socioambiental. Enquanto apenas o território de AT2 consta como área diretamente afetada pelos platôs da Zona Leste, a área de influência direta dos platôs da frente de expansão (ZCO) também envolverá o território de AT1. Não obstante, desta vez, todos eles incidirão total ou parcialmente sobre território de AT2. (Nota Técnica n° 7/2018/COPAB/DPA/PR).

Ainda de acordo com essa nota técnica, nesta nova fase serão investidos 6,8 bilhões, o que garantirá a continuidade da exploração mineral até 2043. Seguindo o acordo, a partir da proposta de um “desenvolvimento territorial integrado”, a MRN por meio do Programa Territórios Sustentáveis, criou o “Fundo Quilombola”. Este fundo configura-se como um mecanismo financeiro que atua no chamado eixo quilombola do Programa Territórios Sustentáveis<sup>83</sup>. A dinâmica é a seguinte: os recursos doados pelas empresas mineradoras são transferidos para este fundo, este por sua vez, é administrado por uma empresa financeira, que administra os recursos destinados às associações. Por meio de reuniões entre as comunidades e agentes envolvidos no Programa Territórios Sustentáveis, são elaborados os chamados “planos de vida institucionais”.

Com a implementação das ações do chamado Fundo Quilombola, observa-se a geração de conflitos internos às comunidades, provocados, principalmente pela ideia do *quilombola legítimo*, ou seja, nesse contexto, para as comunidades, quilombola é aquele que descendem de famílias que tem sua história marcada pelos antigos mocambos. Em outras palavras, negros que nasceram e vivem naquele meio social; excluindo da relação todos aqueles que por algum motivo migraram para outros locais, sobretudo, para os núcleos urbanos. Há interpretações antropológicas dialogam no sentido de formulações tais formulações excludentes, isso

---

83. Esse programa é resultante da parceria entre Organizações Não-Governamentais (ONGs) e a MRN. Em 2015, o Programa Territórios Sustentáveis (PTS) foi lançado nos municípios de Oriximiná, Terra Santa e Faro, todos no Estado do Pará (PA) e nas áreas de influência da Mineração Rio do Norte (PA).

porque segundo Barth (2000), não é a consanguinidade ou o lugar que definem o grupo, mas sim as relações sociais.

A atividade mineradora no Trombetas, firmada no discurso da preservação ambiental, se configurou como o principal entrave à titulação dos territórios quilombolas. Diante das ameaças e pressões sobre seu modo de vida esses agentes sociais recriaram estratégias de resistência face a seus antagonistas, ancorados em ações políticas-organizativas inovadoras.

Nesta nova etapa de avanços da exploração mineral, novas estratégias políticas pautadas na repasse de recursos entre empresa e comunidade estão sendo implementadas para convencer a todos sobre a relevância da expansão da mineração, contudo, esse novo modelo de gestão territorial contribui para a perda da autonomia historicamente conquistadas por esses quilombolas, conforme acentuaram suas lideranças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Os quilombos do Trombetas e do Erepecuru-Cuminá**. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. P. 213-254.

ACEVEDO, Marin, R.E; CASTRO, E. **Negros do Trombetas: guardiões das matas e dos rios**. Belém: CEJU/UFPA-NAEA, 1998.

ALMEIDA, A. W. B. de **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: PPGSCA/EDUA, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FARIAS JUNIOR, E.A. **MEGAPROJETOS INCONCLUDENTES E TERRITÓRIOS CONQUISTADOS: diferentes processos sociais de territorialização da comunidade quilombola de Cachoeira Porteira, Oriximiná, Pará.** Tese. 2016.

FRASER, Nancy. **A Justiça Social na Globalização: redistribuição, reconhecimento e participação.** Trad. Teresa Tavares. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, n.º. 63, out. 2002.

FUNES, E. A. **Comunidades Remanescentes dos Mocambos do Alto Trombetas (Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas). Oriximiná;** São Paulo: ARQMO; CPI-SP, 2000.

BARTH. **Os grupos étnicos e suas fronteiras.** In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 25-67.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831. **Fenomenologia do Espírito** / tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen, e José Nogueira Machado. – 7ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.



